

# ALMOÇO MINEIRO

RUBEM BRAGA

Eramos dezesseis, incluindo quatro automóveis, um cnarrete, três diplomatas, dois jornalistas, um capitão tenente da Marinha, um tenente-coronel da Força Pública, um empresário de cassino, um prefeito, uma senhora loira e três morenas, dois oficiais de gabinete, uma criança de colo e outra de fita cor de rosa que se fazia acompanhar de uma boneca.

Falamos de vários assuntos inconfessáveis. Depois de alguns minutos de debates ficou assentado que Pocos de Caldas é uma linda cidade. Também se deliberou, depois de ouvidos vários oradores, que estava um dia muito bonito. A palestra foi decaindo, então, para assuntos muito escabrosos: discutiu-se até polfuca. Depois que uma senhora paulista e outra carioca trocaram idéias a respeito do separatismo, um cavalheiro ergueu um brinde ao Brasil. Logo se levantaram outros, que, infelizmente, não nos foi possível anotar em vista de estarmos situados na extremidade da mesa. Pelo entusiasmo reinante supomos que foram brindados o solado desconhecido, as tames de outono, as flores dos vergéis, os proletários armênios e as pessoas presentes.

cheios de vinho ou de água mineral, sorrisos, manchas de sol e a frescura do vento que sussurrava nas árvores. E no fim de tudo houve fotografias. E' possível que nesse intervalo tenhamos esquecido uma encantadora linguíça de porco e talvez um pouco de farofa. Que importa? O lombo era o essencial e a sua essência era sublime. Por fora era escuro, com tons de ouro. A faca penetrava nele tão docemente como a alma de uma virgem pura entra no céu. A polpa se abria, levemente enfibrada, muito branquinha, desse branco leitoso e doce que têm certas nùvens às quatro e meia da tarde, na primavera. O gosto era um salgado distante e de uma ternura quasi

musical. Era um gosto indefinível e puríssimo, como se o lombo fosse lombinho da orelha de um anjo loiro. Os torresmos davam uma nota mantima, salgados e excitantes da saliva. O tûtú tinha o sabor que deve ter, para uma criança que fosse "gourmet" de todas as terras, a terra virgem recolhida muito longe do solo, sob um prado cheio de flores, terra com um perfume vegetal diluído mas uniforme. E do prato inteiro, onde havia um ameno jogo de cores cuja nota mais viva era o verde molhado da couve, do prato inteiro, que fumegava suavemente, subiu para a nossa alma um encanto abençoado de coisas simples e boas.

Era o encanto de Minas.

O certo é que um preto fazia funcionar a sua harmônica, ou talvez a sua concina com bastante sentimento. Seu Nhônô cantou ao violão com a pureza e a operosidade inerentes a um velho funcionário municipal.

Mas nós todos sentimos, no fundo do coração, que nada tinha importância, nem a Força Pública, nem o violão do seu Nhônô, nem mesmo as suas sulfurosas. Acima de tudo pairava o divino lombo de porco com tûtú de feijão. O lombo era macio e tão suave que todos imaginamos que o seu primitivo dono devia ser um porco extremamente gentil, expoente da mais fina flor da espiritualidade suína. O tûtú era tûtú honesto, forte poderoso e saudável.

E' inútil dizer qualquer coisa a respeito dos torresmos. Eram torresmos triqueiros como a doce amada de Salomão, alguns loiros, outros mulatos. Uns estavam molinhos, quasi simpies gordura. Outros eram auros e enroscados, com dois ou três fios.

Havia arroz sem colorau, couve e pão. Sobre a toalha havia também copos

Nov. 51

"Memo do Salomão"

Set. 1939

Al 168-9.7.55

565